

Parede de banheiro público: uma atividade para estimular autoralidade e apropriação de teoria¹

Mauricio de Souza Fanfa²
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Como lidar com o plágio e a falta de autoralidade e intimidade com o texto acadêmico entre estudantes? O presente relato apresenta uma atividade realizada durante a disciplina de História da Comunicação, ofertada para o primeiro semestre dos cursos de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria. A atividade é baseada no anonimato mediado e na hipertextualidade. Folhas A3 foram previamente preparadas com trechos de textos para os alunos rabiscarem opiniões, gerando debate e exposição de ideias, estimulando participação e criatividade. O relato promove também reflexão sobre autoria e engajamento de estudantes em tópicos teóricos.

PALAVRAS-CHAVE: autoralidade; criatividade; teoria; História da Comunicação; plágio.

INTRODUÇÃO

Como desenvolver autoralidade entre calouros? Como lidar com o plágio, o pastiche e com a falta de apropriação das leituras e conteúdos? O presente relato de experiência visa descrever e divulgar uma atividade de estímulo à autoralidade, apreço pelo debate, surgimento de ideias originais e apropriação de teoria entre calouros de graduação.

Descrevo uma atividade que desenvolvi para lidar com tais desafios enquanto professor substituto no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. A atividade consiste em: distribuir folhas A3 preparadas com pequenos trechos de textos que apresentam tópicos relativos à disciplina; convidar os estudantes a rabiscarem entendimentos ou opiniões sobre os tópicos, sem assinar seus escritos; circular as folhas entre outros estudantes, assim acessando as opiniões de seus pares e expondo as próprias de maneira controlada. O título que dei à atividade, “parede de banheiro público”, remete ao caráter relativamente anônimo das contribuições

¹ Trabalho apresentado no Fórum Ensicom, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Doutor em Comunicação (UFSM). Atuou como professor substituto no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, e-mail: mauricio.fanfa@ufsm.br.

realizadas pelos estudantes sobre o material, de maneira desinibida e sem constrangimentos, ao qual atribuo o sucesso no engajamento com a atividade.

A atividade foi realizada durante a disciplina de História da Comunicação, em turma composta majoritariamente por calouros dos cursos de Jornalismo e de Relações Públicas, durante o primeiro semestre de 2023.

IDENTIFICANDO A QUESTÃO

Ministrei a disciplina de História da Comunicação durante o primeiro semestre de 2023. Alguns desafios já se tornavam proeminentes. Primeiro, tratava-se da primeira vez que eu ministrava tal disciplina, o que por si só já requisita um grande esforço na preparação das aulas. Segundo, a turma era grande, composta por calouros dos cursos de Jornalismo e de Relações Públicas daquele ano, além de alunos de semestres subsequentes daqueles e de outros cursos: faltava espaço em uma sala grande, projetada para 60 alunos, e era a primeira oferta presencial da disciplina desde o ensino remoto emergencial. Terceiro, era a primeira vez que ministrava disciplinas para calouros, condição em que as turmas são compostas por alunos com trajetórias muito diversas, cabendo também ao docente a sensibilidade de perceber isso e ajustar as aulas.

Considerando tais questões e ainda a alta demanda também em outras disciplinas naquele semestre, minha rotina de preparação de aulas para a disciplina acabou acomodada. Sustentei-a em aulas majoritariamente expositivas que, apesar de estimulantes e bem recebidas pelos alunos, falhavam em envolvê-los mais ativamente e em sua diversidade. A determinada altura do semestre, chegamos a uma atividade avaliativa que consistia em produzir um breve ensaio. Uma parte considerável dos ensaios entregues pelos alunos contavam com plágios, superficialidades, pastiches e questões similares.

Como explicam Débora Diniz e Ana Terra (2014, p. 26), “o plágio viola o direito de atribuição de crédito quando um texto é indevidamente duplicado por um pseudoautor” e envolve uma postura não apenas de honraria, mas, principalmente, de responsabilidade. Perturba a legitimidade da ciência, provoca confusão entre pares e leitores. Não apenas a cópia explícita de trechos se configura como um problema, como destacam Diniz e Terra (2014), mas também pastiches, paráfrases indevidamente creditadas, entre outros.

São várias as possíveis causas para o plágio, vale pensar em algumas. A moralização do tema nos leva a pensar em preguiça ou mesmo no hábito da procrastinação. A pressão por resultados, ou seja, conquistar boas notas, ao invés de envolver-se processo, ou seja, o medo de aceitar a eventual falha, que possibilitaria o acompanhamento adequado, também parece um fator.

Além disso, me parece que a autoralidade e a criatividade são pouco trabalhadas na trajetória intelectual dos estudantes, desde o ensino básico, afastando-os da responsabilidade que se perceber como autor traz, desincentivando a originalidade e a criatividade por sua parte. Percebi aí que o próprio desenho que a disciplina havia tomado até então não incentivava muita participação original, assim como provavelmente teria sido o ensino de alguns daqueles estudantes até a faculdade. Havia, por exemplo, na turma, uma falta de intimidade com a escrita, com a apresentação de argumentos, dados e opiniões.

Como poderia eu, então, exigir originalidade de estudantes que não haviam antes sido estimulados? Como exigir que soubessem apropriar-se adequadamente de fontes e dados e apresentarem argumentos? Como exigir intimidade com o texto acadêmico como fonte? Como exigir deles posturas de autoralidade?

Me ocorreu, então, que a minha prática espontânea estava produzindo um saber ingênuo, nos termos de Paulo Freire (2002). Iniciei uma reflexão crítica sobre o caso. Como afirma Paulo Freire (2002, s.p.):

É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. [...] quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica.

Envolvi-me, então, nos seguintes desafios: por que eu estava ministrando aulas excessivamente expositivas? Como fazer aulas mais interativas para uma turma grande? Como estimular a intimidade com o texto acadêmico e com o raciocínio abstrato? Como estimular a autoralidade?

ELABORANDO UMA ATIVIDADE

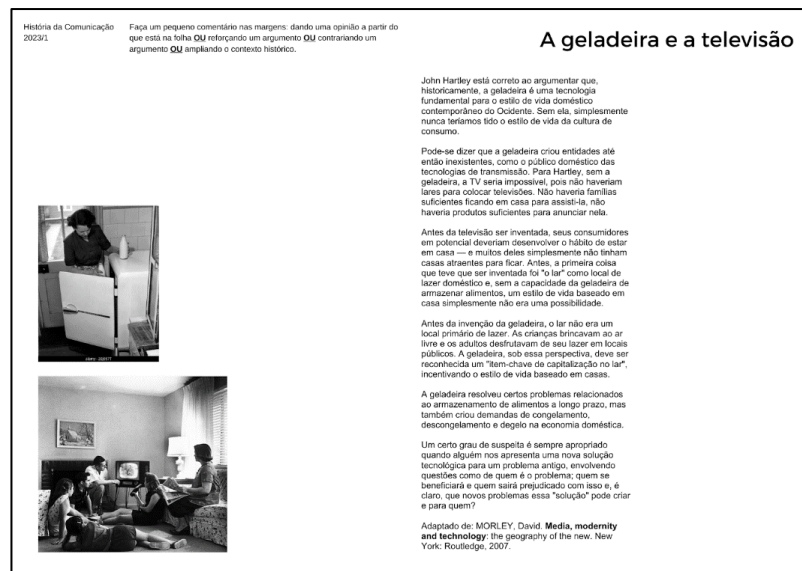
Me ocorreu, então, explorar o anonimato. A autoria anônima, controlada, como espaço para a manifestação livre e legítima. Se não estou sendo individualmente avaliado,

não tenho motivação para plagiar, assim como não tenho motivação para restringir minhas ideias originais.

A parede de banheiro surgiu como uma metáfora. Um espaço onde ideias surgem livremente, sem julgamentos, de maneira anônima, onde estamos sozinhos e temos tempo para pensar e elaborar rabiscos. Ao mesmo tempo, a parede de banheiro é também espaço de hipertextualidade, interação e diálogo: um rabisco referencia outro e uma rede de comentários é tecida.

Decidi simular a experiência de rabiscar uma parede de banheiro com folhas A3, impressas em uma gramatura alta, que pudessem circular entre os alunos. As folhas conteriam trechos curtos de textos acadêmicos sobre tópicos instigantes, especialmente selecionados, promotores de debate e relacionados com a disciplina. Adapte trechos de outros materiais para as folhas, que iniciariam o debate, e cada folha continha o seguinte enunciado: “faça um pequeno comentário nas margens: dando uma opinião a partir do que está na folha; reforçando um argumento; contrariando um argumento; ou ampliando o contexto histórico”.³

Imagem 1 — Folha “A geladeira e a televisão”



Fonte: elaborado para a atividade, texto adaptado de Morley (2007).

Na imagem 1, é possível observarmos a importância do espaço em branco na folha, que será utilizado pelos estudantes para registrar suas opiniões.

³ As dez folhas utilizadas estão disponíveis em: https://drive.google.com/drive/folders/1C74_uCsdsbOwlqRM0III0Eh6h6LLtOf.

APLICANDO A ATIVIDADE

Iniciei a aula explicando minha preocupação com a questão da autoralidade e de plágios na turma, o que, evidentemente, diminuiu a moral da turma e criou um clima incômodo. Expliquei, então, minha visão, de que aquele não era um problema individual, e a intimidade com a argumentação e o texto acadêmico era algo que devia ser construído durante a faculdade. Então, expliquei como funcionaria o exercício. A possibilidade de falar o que se pensa de maneira livre e mediada pela escrita me pareceu empolgar a turma.

Separei a turma em 10 grupos de até 6 estudantes cada. Distribuí as folhas e iniciei um timer de 20 minutos, ao final de tal período, o grupo deveria ter rabiscado algo e trocar a folha com outro grupo, assim as 10 folhas percorreriam os 10 grupos até o fim da aula.

As primeiras contribuições realmente não são anônimas, pois um grupo sabe de qual outro grupo recebeu, mas logo são tantos os rabiscos na folha que é impossível saber qual deles foi escrito pelo último grupo. Logo, as folhas estavam correndo antes mesmo do timer, às vezes iam e voltavam entre um grupo e outro. Precisei, em alguns momentos, consultar os grupos para saber se já havia passado por eles determinada folha, e assim garantir que todos pudessem contribuir com todas. Acompanhei os grupos, estimulando aqueles que ficavam mais receosos com escrever suas ideias ou que precisavam de ajuda para compreender os assuntos.

A segunda etapa da atividade ficou para outro dia. Cada grupo deveria ficar com uma das folhas para apresentar um sumário do tópico inicial e dos principais comentários que surgiram nas margens. Deveriam também apresentar uma conclusão sobre o tópico, ponderada pelo grupo após acompanhar o debate, essa, por sua vez, autoral e oralmente defendida frente à turma.

REFLEXÕES

Os estudantes engajaram significativamente em produzir comentários interessantes sobre os temas das folhas, que ficaram plenamente preenchidas de rabiscos. Registros das folhas rabiscadas pelos estudantes estão disponíveis no link referenciado anteriormente. O debate, tanto nos rabiscos quanto nas defesas durante as apresentações, é um forte estimulante para o envolvimento ativo e, por sua vez, a apreensão dos assuntos discutidos na disciplina.

O retorno dos estudantes foi muito positivo, incluindo comentários sobre como foi uma das melhores aulas da disciplina. Em geral, a atividade foi considerada divertida e instigante. Houve comentários por parte dos estudantes reconhecendo o valor em ter um espaço onde eram estimulados a opinar de maneira livre.

Registro, também, alguns pontos negativos. Nem todos os estudantes conseguiram engajar no exercício, percebi que para alguns deles foi difícil romper a barreira de receio com interagir com o grupo formado. Outros, sentiam em determinado ponto que não havia mais nada a agregar no já escrito na folha. Alguns rabiscos pareciam ser feitos apenas por formalidade, repetindo informações que já constavam no texto ou em outros comentários. A atividade também se tornou, depois de um certo tempo, cansativa: os estudantes pareciam menos engajados depois de duas horas ou cinco folhas, metade da proposta para uma aula de quatro horas. Acredito que ela poderia ter sido melhor distribuída por mais encontros.

Os rabiscos incluíam observações muito diversas. Incluíam exemplos dos fenômenos descritos nos textos, opiniões sobre transformações tecnológicas, sobre personalidades históricas, entre outros. Vários comentários aprofundam argumentos dos textos, contextualizando-os ou explicando-os melhor. Surgiram também diferentes argumentos sobre temas polêmicos, por exemplo, sobre a condição individual de lidar com fenômenos como dependência em telefone celular. Destaco, principalmente, a presença de vários comentários críticos bem fundamentos sobre os textos selecionados: conseguir tecer uma crítica a um texto é um sinal forte de autoralidade, o objetivo do exercício.

A estrutura da atividade pode ser trabalhada para outros tópicos e disciplinas, especialmente aquelas consideradas mais teóricas e que, ao mesmo tempo, necessitem de apreensão ativa dos conteúdos por parte dos estudantes. Uma segunda etapa do trabalho poderia envolver a revisão e redação de um texto consolidando o debate.

REFERÊNCIAS

DINIZ, D.; TERRA, A. **Plágio**: palavras escondidas. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.